

## MAIS DO MESMO? IMAGENS CRISTALIZADAS DE PATERNIDADE NA LITERATURA ACADÊMICA

Symone Gondim<sup>1</sup>  
Jorge Lyra<sup>2</sup>

**Resumo:** Nesse estudo, pretendemos problematizar, dentre várias outras possibilidades de tensionamentos e questionamentos, as controvérsias das discussões acerca do lugar do pai, que promovem a legitimação de sua presença, no entanto incorrem na reprodução da concepção de homem como segurança e apoio à mulher na situação do parto, atribuindo à mulher uma posição de dependência e submissão e relegando ao homem o papel de coadjuvante. Propomos discutir nesse espaço o lugar que vem sendo construído para o homem na sua vivência da paternidade. Apesar do aumento considerável de produções sobre este tema, foi possível observar algumas recorrências nos discursos já produzidos em outros momentos históricos. O pai ainda é visto como externo ao processo da gravidez e se presentifica como suporte à mãe. Estas reflexões é fruto de uma revisão da literatura dos anos de 2009 a 2011 nos bancos de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e BVS (Biblioteca Virtual em Saúde). Foram foco de análise artigos, dissertações e teses a partir dos descritores paternidade e gravidez na adolescência.

**Palavras-chave:** Paternidade. Gravidez na adolescência. Revisão da literatura.

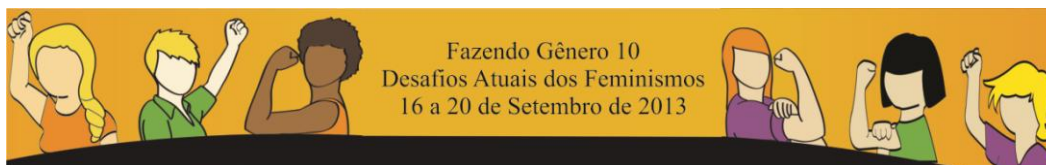
### Paternidade no contexto da gravidez na adolescência

Na literatura científica, muitas vezes, maternidade e gravidez são tratadas como termos sinônimos. Essa ênfase acaba por legitimar a figura materna como insubstituível na criação e nos cuidados dos filhos e, conseqüentemente, o pai passa a ser visto como um coadjuvante que é, por vezes, esquecido (TRINDADE; MENANDRO, 2002). Costa (2002) explica que uma grande ênfase é atribuída ao fato de a mulher carregar a criança dentro do seu corpo, o que embasaria a noção do amor da mãe como mais forte, natural e instintivo (BADINTER, 1985) que o amor do pai. Haveria também a noção da gravidez como um fenômeno que, uma vez iniciado, dispensaria a participação paterna para sua concretização, tornando-se, então, um processo exclusivamente feminino. Tal ideia traz a concepção da maternidade como uma essência e a da paternidade, como um projeto.

Recentemente, o Núcleo de Pesquisa Margens/UFSC realizou uma revisão de literatura, visando traçar um panorama da produção acadêmico-científica, a partir dos descritores paternidade e adolescência, acessando o Banco de Teses e Dissertações da CAPES e a Biblioteca Virtual em

<sup>1</sup> Psicóloga pela Universidade Federal de Pernambuco, Integrante do Grupo de pesquisas sobre gênero e masculinidades - Gema; UFPE, Recife/PE – Brasil.

<sup>2</sup> Professor dos cursos de Graduação e Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco; mestre em Psicologia Social pela PUC/SP; doutor em Ciências (Saúde Pública) pela FIOCRUZ/ CPqAM; UFPE, Recife/PE – Brasil.



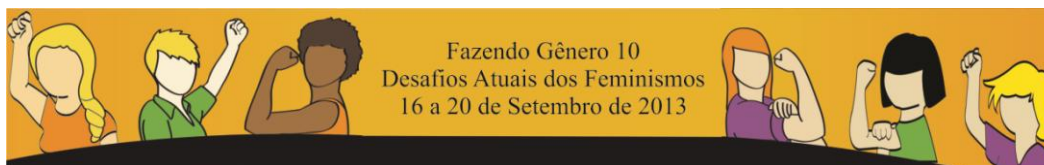
Saúde – BVS (Lilacs e Scielo), compreendendo o período de 1997 a 2004. Entre as teses encontradas, seis tratam da paternidade e duas abordam a prevenção da gravidez. Entre essas teses, destacam-se a de Maia (1998) que foi aos adolescentes pais para conhecer suas opiniões em relação a adolescência, sexualidade e paternidade, buscando compreender suas reações, sentimentos e as implicações em seus projetos de vida. Os sentidos atribuídos pelos adolescentes em relação à paternidade, também foram contemplados no estudo de Trindade (1997), fazendo uma reflexão acerca do modo como os relacionamentos afetivo-sexuais vêm ocorrendo entre os jovens. Vianna (2000) discute a responsabilidade de pais, professores e profissionais de saúde na promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes.

Dentro do período pesquisado, foram encontrados também 21 (vinte e um) artigos na BVS, dos quais apenas oito tratavam especificamente da paternidade – entre outros aspectos relacionados à temática –, enquanto os demais faziam referência à maternidade, sexualidade, saúde sexual e reprodutiva, construção de identidade, projeto de vida, intenções reprodutivas de jovens.

Entre o material pesquisado, encontram-se duas revisões de literatura de autoria de Levandowski e colaboradores (2001, 2004). A mesma autora publica ainda um trabalho focando a interação pai-bebê (2002). Reis (1997) também produziu uma revisão da literatura, indagando sobre a emergência da questão da paternidade adolescente no âmbito das preocupações da saúde pública referentes à gravidez e à maternidade juvenis, abrindo uma reflexão acerca deste ocultamento do tema nas produções científicas, em geral focadas na maternidade. Já Cabral (2002, 2003) discute as repercussões da paternidade na adolescência na trajetória biográfica de jovens a partir da perspectiva masculina, contemplando gravidez planejada ou indesejada, tentativas de aborto, arranjos conjugais, formas de apoio familiar, reconhecimento social da paternidade, rejeição do vínculo paterno.

O que se observa nesta literatura é que, a partir da década de 1980, a literatura científica passa a tratar a participação dos homens na esfera privada, especialmente no contexto da sexualidade e direitos reprodutivos. Ocorre uma mudança de visão da não-participação masculina na vida doméstica, com a problematização do machismo, e a busca pela compreensão das condições criadas na sociedade que facilitam ou dificultam o envolvimento do homem na vida familiar (Lyra, 1998).

Como bem destaca Fuller (2000), a paternidade é um campo de práticas e significados culturais relativos à reprodução, ao vínculo com a prole e aos cuidados dos filhos, sendo que estes dois últimos aspectos podem ou não ser estabelecidos entre o genitor e o filho. A autora coloca



ainda a paternidade como produto do entrecruzamento dos discursos sociais que definem e prescrevem o que é ser pai, implicando a produção de guias de comportamentos reprodutivos e parentais. Estes comportamentos reprodutivos e parentais, por sua vez, variam de acordo com o momento histórico e com o próprio momento do ciclo de vida de cada sujeito e segundo a relação que estabelece com a co-genitora e com os filhos.

Mesmo com tantas transformações acerca da paternidade, o pai ocupa ainda um lugar secundário quando se trata do cuidado dos filhos, sendo que este cuidar ao qual nos referimos seria aquele que mantém o pai em contato direto com o filho, suprindo suas necessidades. No entanto, pode-se questionar a abertura que este pai tem nos sistemas públicos de saúde para exercer seu papel de cuidador.

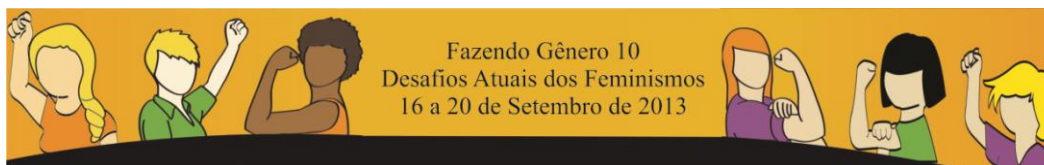
### **Paternidades produzidas discursivamente**

Buscamos analisar as paternidades produzidas no contexto desta revisão da literatura<sup>3</sup>, tomada aqui como produção discursiva. A pergunta-orientadora que adotamos foi “o que nessas produções se diz sobre paternidade?”.

É possível afirmar que na produção bibliográfica sobre gravidez, em especial na adolescência, há forte influência do debate inscrito na Conferência Internacional de População e Desenvolvimento no Cairo/Egito, em 1994, e na IV Conferência da Mulher em Beijin/China, em 1995, no qual, a noção de gravidez precoce e responsabilização paterna apareceram como marcadores para problematizar as desigualdades de gênero no espaço doméstico. Embora não seja desta década a problematização do movimento feminista sobre a participação masculina como recurso para modificá-las, mas, foram nelas que as noções se materializam concomitantes as propostas de governo como reivindicações no campo dos direitos sexuais e reprodutivos (LYRA,

---

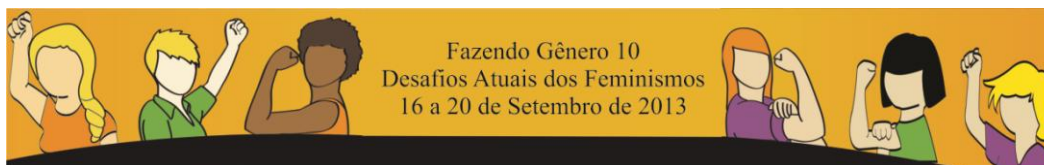
<sup>3</sup> A apresentação que ora compartilhamos neste Encontro é fruto de um projeto mais amplo intitulado “Gravidez na adolescência e paternidade no contexto da atenção básica na cidade de Cabo de Santo Agostinho” sobre gravidez na adolescência, paternidade e rede de atenção básica em saúde. Nesta pesquisa a revisão da literatura consistiu na busca de textos sobre gravidez na adolescência que fizessem alusão à paternidade. Neste sentido, elegemos como palavras-chave principais “Gravidez na adolescência” e “Paternidade”, buscando textos que tratassem dos dois temas. Considerando os objetivos da pesquisa, originalmente, havíamos também incluído uma terceira palavra-chave “atenção básica”, contudo as buscas explicitaram que este terceiro restringiria demais o número de textos identificados. Nossa pesquisa compreendeu o período de 2009 a 2011. O levantamento de textos foi feito de modo exaustivo para textos publicados em língua portuguesa. A pesquisa foi realizada em diferentes bases de dados, entre elas: Base de dados Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), SciELO (Scientific Electronic Library Online) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) em busca de textos em diferentes suportes. Observamos no período de 2009 a 2011 um aumento considerável de produções sobre este tema se comparado ao período de 2000 a 2009 para o qual realizamos levantamento semelhante e encontramos os seguintes quantitativos: 12/ 13 artigos, 09/ 05 dissertações e 04/ 03 teses, a nosso ver (MEDRADO; LYRA; TONELI; TRINDADE; VALENTE; QUIRINO; MACHADO; FELIPE; OLIVEIRA; DANTAS; SILVA; GONDIM, 2011).



2008). Não obstante, neste contexto, o foco é a mulher e o homem-pai aparece como aquele que precisa aprender “ajudá-la” e se responsabilizar por sua vida sexual. Ainda estamos distantes das discussões sobre paternidade como direito, prazer ou desejo masculino.

Influência que ainda aparece, de certa maneira, nos objetivos dos trabalhos levantados na revisão da literatura. Alguns trabalhos se voltam, em especial, para a adolescente grávida e/ou mãe investigando os impactos da gravidez na sua vida pessoal, escolar, familiar e a sua rede social de apoio durante a gestação. Nestes trabalhos, por vezes, a participação masculina é referida, embora não necessariamente seja a do pai, em geral adolescente, mas de outras figuras como o avô e irmão da adolescente. Outro estudo objetiva caracterizar o jovem pai por meio de informações obtidas com a adolescente grávida, ou seja, traça-se um perfil sócio-demográfico do jovem pai não entrevistando o mesmo, mas do que se diz dele. Situação que parece se relacionar, ao mesmo tempo, com o lugar “privilegiado” que construímos para a mulher grávida e/ou mãe ocupar: protagonista da experiência de reprodução, informante-chave etc., e com a “dificuldade de encontrar os homens pais”. Diagnóstico repetido em demasia que já parece ter se tornado uma verdade do campo empírico das pesquisas sobre paternidade. Excesso que reitera o preconceito em torno dos homens como distante natural e culturalmente do campo do cuidado infantil e da atenção básica em saúde, e que ofusca a simples questão que se coloca aqueles/as que pesquisam: não estaríamos por todos estes anos procurando os homens nos lugares errados?

Voltando aos objetivos dos trabalhos levantados. Embora se reconheça que alguns trabalhos que tenham se voltado especialmente para a adolescente grávida, paternidade e gravidez adolescente foram investigados concomitantes, mas em algumas produções, há certa ênfase nesta ou naquela possibilidade. Nos trabalhos foram investigados os significados, vivências, construção e exercício da paternidade por jovens e adolescentes, por homens adultos que foram pais quando adolescentes, por mães adolescentes e pelas famílias dos pais adolescentes; os impactos da paternidade na vida pessoal, escolar, familiar e profissional (elemento que não aparece sendo citado no caso das adolescentes) de homens, adolescentes e adultos; as estratégias utilizadas pelos pais e pelas mães, adultos e adolescentes, no enfrentamento da paternidade e maternidade como rede social, investigação da paternidade pelo exame de DNA, homem como provedor financeiro da prole da mulher etc.; a socialização masculina, o exercício da sexualidade de homens e paternidade relacionada à vulnerabilidade de gênero; os arranjos familiares que se constroem a partir do advento da paternidade e maternidade adolescente.



Há também pesquisas que objetivaram analisar a inclusão dos pais, adolescentes e adultos, nos serviços de saúde, assim como a importância da participação jovem e masculina na vida reprodutiva e familiar, considerando a criação de um lugar institucional para o pai adolescente que propicie seu maior envolvimento em questões relativas à sua sexualidade e a de sua parceira, gestação e cuidado para com a prole.

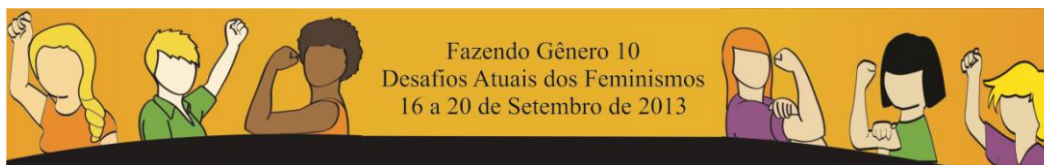
A partir dos objetivos acima referidos, de maneira breve, algumas considerações podem ser feitas. De certo modo, podemos concluir que o campo de pesquisas acerca dos temas foi influenciado demasiadamente pelas conferências e a ênfase na participação paterna no contexto doméstico e na responsabilização por sua vida sexual, especialmente, o que tange sua responsabilidade na reprodução. Entretanto, há alguns parágrafos acima, já argumentamos essa possibilidade. E, talvez, neste momento, é interessante produzir outras reflexões. Nestes anos de produção científica, a paternidade e maternidade são apresentadas sempre como termos correspondentes ou para sermos mais diretos como complementares. Curiosamente, situação que aparece como reflexo do suposto destino lógico das genitálias masculina (pênis) e feminina (vagina). Reconhecemos que paternidade e maternidade são invenções que encontram coerência quando indissociadas das identidades sexuais (macho-fêmea; pênis-vagina; produtor-reprodutor), das performances de gênero (masculino-feminina), dos desejos (homem-mulher) e práticas sexuais (heterossexual; passivo-ativo). Enfim, em resumo, são sempre heterossexuais.

Este excesso ofusca não apenas a crítica a matriz heteronormativa<sup>4</sup> que para Judith Butler (2001; 2008) diz respeito às normas de inteligibilidade cultural que pela repetição recorrente trabalham para criar/recriar uma estabilidade e coerência, sempre precárias e destinadas ao fracasso, entre sexo-gênero-desejo-prática<sup>5</sup>, mas ainda desconsidera que o sexo não é igual à reprodução, especialmente, com o advento do anticoncepcional e outras tecnologias semelhantes, que o parentesco não é sempre heterossexual ao considerarmos que homens e mulheres sozinhos, assim como casais de homens e de mulheres podem constituir famílias fora do modelo de “família

---

<sup>4</sup> Para Monique Wittig (2005) a heteronormatividade, em linhas gerais, diz respeito a discursos (científicos, institucionais, linguísticos, filosóficos etc.) que tomam como certo que a base da sociedade, de qualquer sociedade, é a heterossexualidade. Nesse sentido, os corpos obrigatoriamente estão cultural e biologicamente destinados a heterossexualidade: pelas diferenças sexuais (homens e mulheres) e de gênero (masculino e feminino) que se ratificaria biologicamente na reprodução (heterossexual).

<sup>5</sup> Para Butler (2005) a norma não é o mesmo que regra nem diz respeito à lei. Ela opera dentro de práticas sociais como padrão implícito de normalização. Por isso, ainda que uma norma possa ser separada analiticamente das práticas nas quais está incrustada, pode apresentar resistências a qualquer esforço de descontextualizar sua operação. Assim, “as normas podem ou não ser explicadas e quando operam como princípio normalizador nas práticas sociais é comum que permaneçam implícitas, difíceis de ler e de discernir de maneira mais clara e dramática os efeitos que produzem” (BUTLER, 2005, p. 10).



nuclear”, considerando a experiência da gravidez pela adoção, inseminação artificial, barriga de aluguel etc.

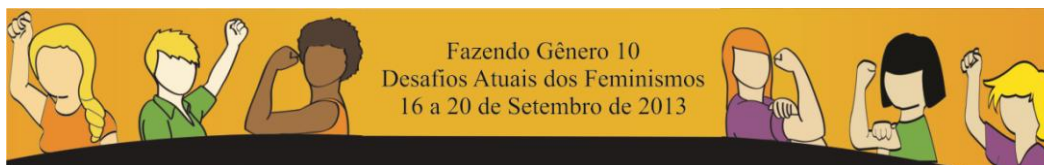
Dito de outro modo, afirmamos, paternidade e maternidade são também inventadas na dissociação das identidades sexuais, das performances de gênero, das orientações e práticas sexuais. Precisamos considerar no campo de pesquisa não apenas a crítica heteronormativa como as outras variáveis referidas, a fim de inventar outras paternidades e maternidades, adolescentes ou adultas, outros prazeres e desejos, outras estéticas de existência, outros modos de se relacionar e filiar-se, ou pelo menos reinventar as discussões sobre direitos sexuais e reprodutivos que estão engessadas.

Em relação ao que se diz sobre paternidade, obviamente, não é possível falar dela no singular, mas sempre no plural. Porém, considerando nossos argumentos anteriores, mesmo que aquilo que está sendo dito sobre a paternidade esteja variando, existem elementos que parecem permanecer: ela é heterossexual; decorre sempre de um ato sexual; apesar de “natural” aparece sempre como dilema educativo-jurídico - em outras palavras, situada na responsabilidade-responsabilização; é provimento financeiro; no contexto da gravidez adolescente, é adolescente também. Por exemplo, de modo recorrente, a paternidade aparece como condição que precisa ser propiciada a se desenvolver como “atitude”: incluída no pré-natal; no parto e pós-parto; assim como no contexto doméstico e do cuidado com a prole; nas instituições de saúde como Unidades de Atenção Básica, Maternidades etc.; sendo um dos argumentos para tal “condição” o fato da gestação se situar fora do corpo do homem<sup>6</sup>. Assim, diferentemente da maternidade, o “tornar-se pai” precisa ser “construído” para além da condição biológica através de práticas institucionais e mudanças culturais. Ao mesmo tempo, a paternidade adolescente é referida como condição que precisa ser evitada e prevenida, isto é, um problema quando advinda do exercício sexual irresponsável. Desta maneira, a “paternidade precoce”, assim também a maternidade é referida como algo que pode prejudicar a formação escolar, pessoal e profissional dos jovens e adolescentes que a vivenciam.

Não seria um equívoco afirmar que paternidade e adolescência aparecem em polos opostos: a primeira diz respeito à responsabilidade, provimento, autonomia, adulez enquanto a segunda irresponsabilidade, dependência, transição. Talvez, por isso que a paternidade adolescente, em especial, seja referida, por vezes, pela ausência e como objeto de preocupações de Instituições científicas, governamentais e não-governamentais. Cabe ressaltarmos que na maioria dos trabalhos

---

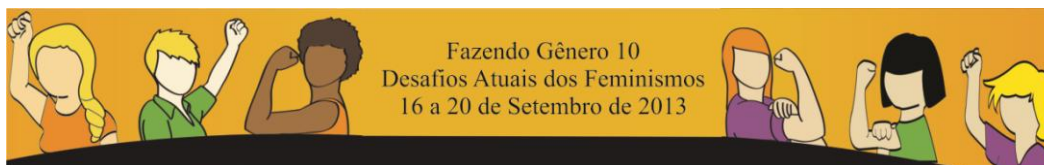
<sup>6</sup> Apesar da paternidade também ser uma invenção biológica e jurídica, considerando os trabalhos levantados, para que se “converte num atributo do pai” devemos considerar que ela social. Ou nas palavras de Claudia Fonseca (2004, p. 32) “eminentemente social”.



a paternidade analisada é adolescente. Não obstante, os rastros desta invenção podem ser seguidos, pois os estudos sobre paternidade na adolescência surgem no bojo da produção bibliográfica sobre gravidez na adolescência, a partir de um recorte geracional, no qual gênero constitui-se como categoria de análise, mas não como conceito central. Desta maneira, as discussões se aglutinaram em torno da família, dos impactos da gravidez e paternidade na vida de adolescentes, seja nos âmbitos da saúde, educação, família etc. Por sua vez, a noção de gênero como categoria que serve para analisar os elementos constitutivos das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e como forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995), ficou ofuscada pelo recorte de geração e quando usada, em muitos trabalhos, fica restrita a descrição de características biológicas e culturais de homens e mulheres, do masculino e feminino. Por exemplo, há trabalhos que se propõem a construir perfis de adolescentes que se tornaram pais e mães a fim de aperfeiçoar serviços de saúde e propor ações educativas para o referido público, dentre distintas características consultadas (escolaridade, educação sexual, moradia, demandas sobre o ser pai e mãe etc.), aquelas referentes ao que podemos inferir como de gênero e geração são sempre identificadas e descritas, mas nem sempre problematizadas.

Acreditamos que a centralização do conceito de geração no campo de pesquisa, associada à preocupação em torno da “gravidez e paternidade precoce”, parece ter engessado as discussões acerca do sexo e da sexualidade, uma vez que o mesmo é referido costumeiramente como planejamento familiar, prevenção de DST e AIDS – por vezes, a gravidez é referida de modo semelhante a uma doença -, irresponsabilidade dada à imaturidade do corpo para a prática sexual ou métodos contraceptivos. Continuamos, então, a não falar de sexo/sexualidade como prazer nem desejo, mas apenas como reprodução e, por isso mesmo sempre heterossexual. Deste modo, permanece invisível a homossexualidade masculina e feminina, ao mesmo tempo, que a heterossexualidade carrega o peso de ser responsável pela reprodução da espécie. Continuamos ainda sem falar de sexo e prazer ao analisarmos paternidades e maternidades, adolescentes e/ou adultas. Como também, a exemplo, o sexo entre gerações, a erotização do corpo infanto-juvenil demasiadamente respaldada na cultura brasileira (MÉLLO, 2006).

Ao mesmo tempo, superando algumas expectativas, a paternidade, adolescente e adulta, também é referida como desejo masculino não apenas de afirmação da masculinidade – numa espécie de “testagem” da pretenciosa coerência entre ser homem-masculino-hetero-produtor-ativo -, mas como “paternagem” descrita detalhadamente como desejo/prazer de executar afazeres domésticos e do cuidado com a prole, e de maneira simplificada como a “nova” paternidade. Apesar

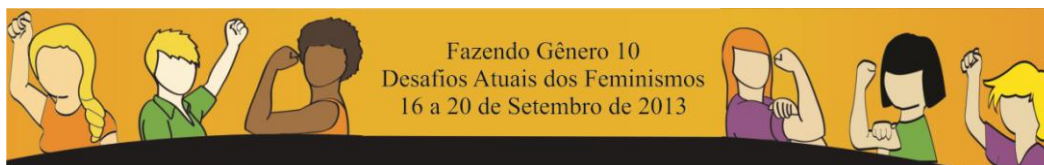


disso, por vezes, a paternidade aparece ainda como importante para a criança e como auxílio a mãe, adolescente e/ou adulta, e nem sempre como importante para o homem, adolescente e/ou adulto, redefinir os sentidos sobre a vida, o ser homem, ao amor, sexo e a família etc. O questionamento da não participação paterna no cuidado, em algumas produções, é feito pela problematização do machismo, mas não autocentrado na figura do “homem que não cuida”, mas daquele que constitui as práticas institucionais, culturais e políticas que o machismo engendra e que precisa ser enfrentado para que se propicie o maior envolvimento masculino na reprodução. Nesse sentido, são denunciados serviços de saúde que a invisibilizam, não a incluem ou a excluem. Ademais, são feitas críticas a postura social que estigmatiza o pai como sinônimo de provedor da família e ausente do cuidado com a prole. Em grande parte das pesquisas a paternidade é referida como ativa, participativa, que deveria se iniciada com a gestação e a própria inclusão do pai no sistema de saúde. Ademais, na maior parte das pesquisas se questiona a ideia de pai ausente e da gravidez na adolescência sempre indesejada. Isto é, se crítica a atuação moralista e de culpabilização da paternidade na adolescência.

A participação ou não-participação paterna no cuidado com a prole, considerando nossa leitura da produção de pesquisas levantadas, aparece sendo analisada, em linhas gerais, de duas maneiras: pela responsabilização e pela responsabilidade. De certo maneira, elas são semelhantes, mas não iguais, nem idênticas. Semelhantes porque as duas se dispõem a pensar e promover de algum modo a participação paterna. Mas distintas, inexoravelmente, nas suas maneiras de explicar e agir em prol de tal intento. Na responsabilização o alicerce são os ombros do homem: explica-se sua ausência pela via do machismo e sexismo que impregna e “distorce” seus desejos, sendo sua participação promovida por mecanismos médico-jurídicos (exame de DNA, pensão alimentícia, reconhecimento de paternidade etc.) e outras formas de coação. Na responsabilidade, de certo modo, não se abre mão dos mesmos recursos mesmo porque alguns deles são direitos adquiridos. Então, o elemento catalisador é o debate sobre direitos sexuais e reprodutivos masculinos. Assim, problematiza-se as condições institucionais e culturais que (in)possibilitam, (in)visibilizam a participação paterna adolescente e adulta.

Desta maneira, questiona-se o excesso e o imperativo que culpabiliza e vitimiza o homem, adulto e adolescente, crie-se espaços para que eles mesmos – sozinhos; acompanhados das companheiras e/ou companheiros; vivendo em família, em comunidade ou em arranjos dinâmicos; casados, solteiros, em relação estável ou inventando outros modos de se relacionar –, que são





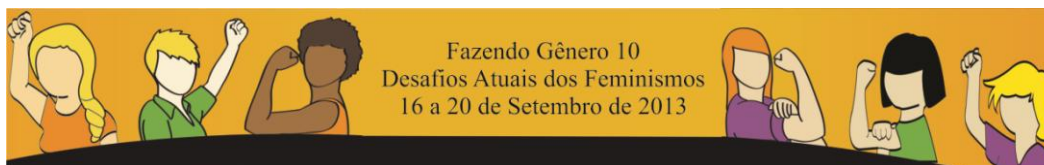
afetados (mas não apenas eles), tenha a possibilidade de modificar este excesso de discussões que ofusca e torna a vida monótona e rarefeita.

### **Algumas considerações**

Em geral, afirmações generalistas conduzem a equívocos. Mas adotamos tal possibilidade ao acreditarmos que em relação à paternidade, adulta e adolescente, talvez, esteja acontecendo um momento de virada em relação à forma como ela era analisada nos anos noventa. A partir de 2000, ela começa a aparecer nas produções científicas sobre gravidez na adolescência, com mais ênfase ou mesmo como novidade, como desejo, direito e compromisso dos homens que por contingências institucionais, culturais e políticas são invisibilizados, não promovidos e desrespeitados. A paternidade não apenas como apoio da mulher ou importante para a prole, contraponto, provedora, definidora da masculinidade, ausente etc. Curiosamente, de certa maneira, o homem já aparece como o foco da paternidade. Talvez, seja esta a principal mudança no campo.

Nesse sentido lançamos mãos de nossas ferramentas como marcadores temáticos que possibilitaram o processo de visibilização da paternidade nestes últimos anos de produção científica nacional sobre gravidez na adolescência. Ressaltamos, porém, que não as forjamos como se tivéssemos “descoberto o que estava coberto” ou evidenciássemos “o dado da realidade” que explica o porquê da paternidade estar aparecendo com mais ênfase. Nada disso. Inspirados pelos/as autores/as referidos/as neste texto, inventamos tais ferramentas para forjar um passado para a paternidade que nos ajude a refletirmos sobre mudanças e permanências nestes anos de pesquisa. E, indo um tanto além, para visibilizarmos minimamente ao campo elementos ainda intocados, pois, concordamos com Albuquerque Junior (2007, p. 65) que “precisamos da arte, da arte de inventar novos mundos possíveis, inclusive da arte de inventar o passado”.

Acreditamos que um dos elementos fundamentais para a visibilização da **paternidade** nestes anos foi a popularização do exame de **DNA**. O mesmo salta do mundo da ficção científica aos fatos do dia-a-dia no final dos anos oitenta, “trazendo consigo o potencial de uma nova ‘mudança profunda’ em nossa maneira de pensar a família, relações de gênero e parentesco” (FONSECA, 2002, p. 269). Mais do que isso, afetou a possibilidade das pessoas negociarem criativa e subversivamente suas próprias relações afetivas sem as intervenções estatais. Segundo Cláudia Fonseca (2004) durante os anos noventa o exame do DNA para investigação da paternidade se populariza no Direito, na prática jurídica, na mídia e entre as pessoas, membros da elite e da classe trabalhadora. Embora o exame de DNA não esteja necessariamente vinculado a referida

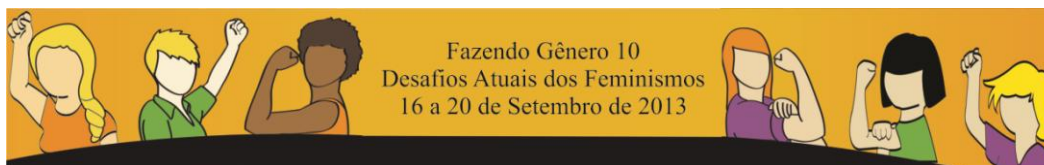


investigação, pois é um recurso médico-jurídico para investigar outros graus de parentesco como ainda determinar a identidade de alguém que tenha cometido um crime ou de alguém que morreu e não pode mais ser identificado, é inegável que o exame de DNA soa como sinônimo de investigação de paternidade, assim, não é exagero afirmar que o mesmo se constituiu como uma “máquina de fazer ver e fazer falar” (FOUCAULT, 1999) – talvez seu principal visibilizador - a paternidade nesta primeira década do século XXI.

A outra ferramenta que forjamos se relaciona diretamente com a relação paternidade e DNA, pois as noções de **responsabilização/responsabilidade** foram modificadas com o surgimento do referido exame. Apesar do exame de sangue ser usado na comprovação de paternidade e maternidade, por exemplo, o mesmo trouxe a suposta garantia de resultado de 99,99% de acerto (FONSECA, 2002). Ou seja, é capaz de produzir uma verdade material demasiadamente necessária a prática jurídica. Além disso, após a Constituição Federal de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, foi abolida a separação entre filhos/as legítimos e ilegítimos (nascidos dentro e fora do casamento) e todo homem poderia ser obrigado judicialmente a reconhecer sua prole. Dito de outro modo, eles passaram a responder pelo modo como conduziam suas práticas sexuais. Embora, não exista relação alguma entre o cumprimento da lei, a afirmação de um fato biológico e o desenvolvimento de relações sociais entre pais e filhos (FONSECA, 2004), é inegável, que se viveu uma novidade no âmbito das relações sociais e familiares no Brasil, em especial, ao se questionar a conduta masculina. Afirmamos que responsabilização e responsabilidade são semelhantes, sendo a diferença na visibilização da paternidade pela problematização das condições institucionais, culturais e políticas que (im)possibilitam, e não apenas como decorrente do voluntarismo do homem.

Esta leitura já aparece sendo feita em algumas das produções científicas quando passam a questionar a **ausência institucionalizada**, por exemplo, em Postos de Saúde e Maternidade cujas práticas e conhecimentos operacionalizados – e mesmo o espaço físico - não só não acolhem a demanda masculina no contexto da gravidez como nem mesmo, por vezes, tem a percepção que da presença masculina. A crítica à ausência institucionalizada e a responsabilidade por meio do debate sobre direitos sexuais e reprodutivos masculinos, nestes últimos anos, corroboraram para visibilizar a paternidade.

## Referências



ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 151-172.

BUTLER, Judith. Regulaciones de gênero. **Revista de Estudos de Gênero La Ventana**. n. 23. Guadalajara, 2005, p. 07-35.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CABRAL, Cristiane S. *Contraceção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro*. **Cadernos de Saúde Pública** [online], v.19, supl.2, p. 283-292, 2003. Disponível em: <www.scielo.br>.

CABRAL, Cristiane S. **Vicissitudes da gravidez na adolescência entre jovens das camadas populares do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <www.capes.br>.

COSTA, Rosely G. “Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção”. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n.2, p.339-356, jul./dic. 2002.

FONSECA, Cláudia. *A vingança de Capitu: DNA, escolha e destino na família brasileira contemporânea*. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (orgs.). **Democracia e Sociedade Brasileira**. São Paulo: FCC, Ed. 34., 2002, pp. 273-274.

FONSECA, Cláudia. *A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA*. **Estudos feministas**, 2004, 12 (2), 13-34.

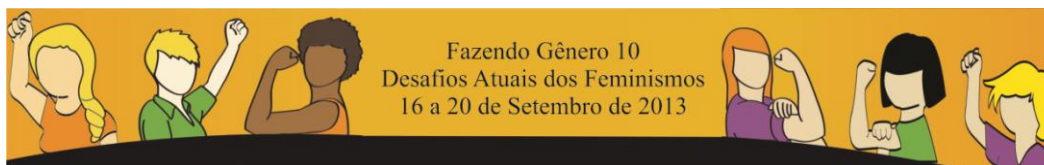
FOUCAULT, Michel. *Raymond Roussel*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

FULLER, Norma. **Paternidades en América Latina**. Pontificia Universidad Católica del Perú. Lima: Fondo Editorial, 2000.

LEVANDOWSKI, Daniela C.; PICCININI, Cesar A. “Paternidade na adolescência: aspectos teóricos e empíricos”. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano** [online], v.14, n.1, p.51-67, jan/maio, 2004. Disponível em: <www.capes.br>.

LEVANDOWSKI, Daniela C.; PICCININI, Cesar A. “A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos”. **Psicologia Reflexão e Crítica**. [online], v.15, n.2, p.413-424, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 05/05/2005.

LEVANDOWSKI, Daniela C.” *Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional*”. **Estudos de Psicologia** (Natal) [online], v.6, n.2, p.195-209, jul.-dez. 2001. Disponível em: <www.capes.br>.



LYRA, Jorge. Paternidade adolescente: da investigação à intervenção. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. U.; MEDRADO, Benedito. (orgs) **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS/Ed.34, 1998. p.185-214.

LYRA, Jorge. **Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil: uma análise de gênero no campo das políticas públicas (2003-2006)**. 2008. 262 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Departamento de Saúde Coletiva, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2008.

MAIA, Noeme M. **Paternidade na adolescência: a antecipação e reafirmação de uma identidade masculina**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Universidade de Fortaleza. Fortaleza, 1998.

MEDRADO, Benedito; **LYRA, Jorge**; TONELI, Maria Juracy ; TRINDADE, Zeidi ; VALENTE, Márcio ; QUIRINO, Túlio R. L. ; MACHADO, Michael F. ; FELIPE, Dara ; OLIVEIRA, Ludmila M. ; DANTAS, Luiza G. ; SILVA, Maria Camila F. ; GONDIM, Symone K. A. Literatura científica sobre gravidez na adolescência como dispositivo de produção de paternidades. In: TONELI, Maria Juracy F.; MEDRADO, Benedito; TRINDADE, Zeidi; LYRA, Jorge. (orgs.). **O pai está esperando? Políticas públicas de saúde para a gravidez na adolescência**. 1ed. Florianópolis: Mulheres, 2011, v. 1, p. 25-52.

MÉLLO, Ricardo P. **A construção da noção de abuso sexual infantil**. Belém: EDUFPA, 2006.

REIS, Alberto O. A. "Opacidade e visibilidade da paternidade na reprodução adolescente". **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano** [online], v.7, n.2, p.69-76, jul.-dez. 1997. Disponível em: <www.capes.br>.

SCOTT, Joan. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.

SIQUEIRA, Maria Juracy T.; MENDES, Daniela; FINKLER, Ivana *et al* "Profissionais e usuárias(os) adolescentes de quatro programas públicos de atendimento pré-natal da região da grande Florianópolis: onde está o pai?" **Estudos de Psicologia** (Natal) [online], v. 17, n.1, p.65-72, jan. 2002. Disponível em: <www.scielo.com.br>.

TRINDADE, Elika. *'Eu, pai?!'* **A paternidade na adolescência e seu significado**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1997.

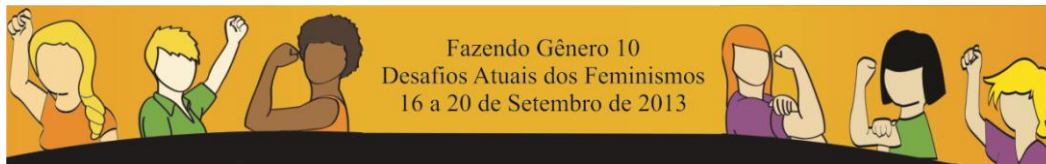
TRINDADE, Zeidi. A.; MENANDRO, Maria Cristina S. "Pais adolescentes: vivência e significação". **Estudos de Psicologia** (Natal), v.17, n.1, p.15-23, jan. 2002.

VIANNA, T. C. **"Ligeiramente Grávida"... Uma proposta de promoção de saúde e reprodutiva para adolescentes nos serviços de saúde**. Dissertação (Mestrado em Sexologia), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterossexual**. Barcelona: Egales, 2005.

### **More of the same?: Images candied paternity in the academic literature**

**Abstract:** In this study, we intend to discuss, among several other possibilities for tensions and questions, controversies discussions about the place of his father, who promote the legitimization of



their presence, however incur reproductive conception of man as safety and support to women in situation childbirth, giving the woman a position of dependence and submission to man and relegating the supporting role. We propose to discuss in this space the place that has been built for the man in your experience of fatherhood. Despite the considerable increase of production on this topic, we observed recurrences in some speeches ever made in other historical moments. The father is still seen as external to the process of pregnancy and becomes present as a support to the mother. These reflections are the result of a literature review of the years 2009 to 2011 in the databases SciELO (Scientific Electronic Library Online), CAPES (Coordination of Improvement of Higher Education Personnel) and VHL (Virtual Health Library). Were the focus of analysis articles, dissertations and theses from descriptors parenthood and teenage pregnancy.

**Keywords:** Parenthood. Teenage pregnancy. Literature review.